

corpo de estudos, objetos de análise

body of studies, objects of analysis

cuerpo de estudios, objetos de análisis

Henrique Walter Ribeiro (UFSM-Brasil) ¹

Rebeca Lenize Stumm (UFSM-Brasil) ²

1 Artista Visual. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre e Bacharel em Artes Visuais pela mesma instituição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0852384757941140>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7301-664X>. E-mail: hwribeiro@gmail.com. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

2 Artista Visual. Docente do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2180723274611305>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1683-3432>. E-mail: rebeca.stumm@ufsm.br. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

RESUMO

Locais destinados à criação artística, comumente, confluem existências e projeções; deixam ver, enquanto espaço amostral, feitos e possibilidades e, sobretudo, comportam ânsias, desejos e urgências que atravessam e contaminam o pensamento do artista. Nesse sentido, constituído por proposições artísticas realizadas durante os anos de 2020 e 2021, período, este, no qual, isolados, sobrevivíamos aos dias mais duros da pandemia do coronavírus, o presente ensaio visual pensa o ambiente doméstico como laboratório de pesquisa, os processos artísticos enquanto experimentos e o corpo humano como objeto de estudo e análise. Apresenta, dessa maneira, um conjunto de trabalhos que, orientados pela prática fotográfica e em diálogo com o universo imagético das ciências médico-laboratoriais, escoam angústias e reflexões surgidas naquele contexto – em que a manutenção da vida estava condicionada ao isolamento social e as perdas humanas eram transmutadas em estatísticas, números frios quase desgrudados de qualquer traço de humanidade; sujeitos transformados em objetos. “corpo de estudos, objetos de análise” registra, portanto, um recorte de investigação poética; amostras de uma prática associada a um tempo e a um lugar específicos, a um corpo e a alguns medos.

PALAVRAS-CHAVE

Poéticas visuais; pandemia; fotografia; corpo; objetos médico-laboratoriais.

ABSTRACT

Places destined for artistic creation, commonly, existences and projections converge; they allow us to see, as a sample space, facts and possibilities and, above all, they contain anxieties, desires and urgencies that cross and contaminate the artist's thinking. In this sense, consisting of artistic propositions made during the years 2020 and 2021, a period in which, isolated, we survived the harshest days of the coronavirus pandemic, the present visual essay thinks of the domestic environment as a research laboratory, artistic processes as experiments, and the human body as an object of study and analysis. In this way, he presents a set of works that, guided by photographic practice and in dialogue with the imagetic universe of medical-laboratory sciences, drains anguish and reflections that arose in that context – in which the maintenance of life was conditioned to social isolation and human losses were transmuted into statistics, cold numbers almost detached from any trace of humanity; subjects transformed into objects. “body of studies, objects of analysis” registers, therefore, a cut of poetic investigation; samples of a practice associated with a specific time and place, a body and some fears.

KEY-WORDS

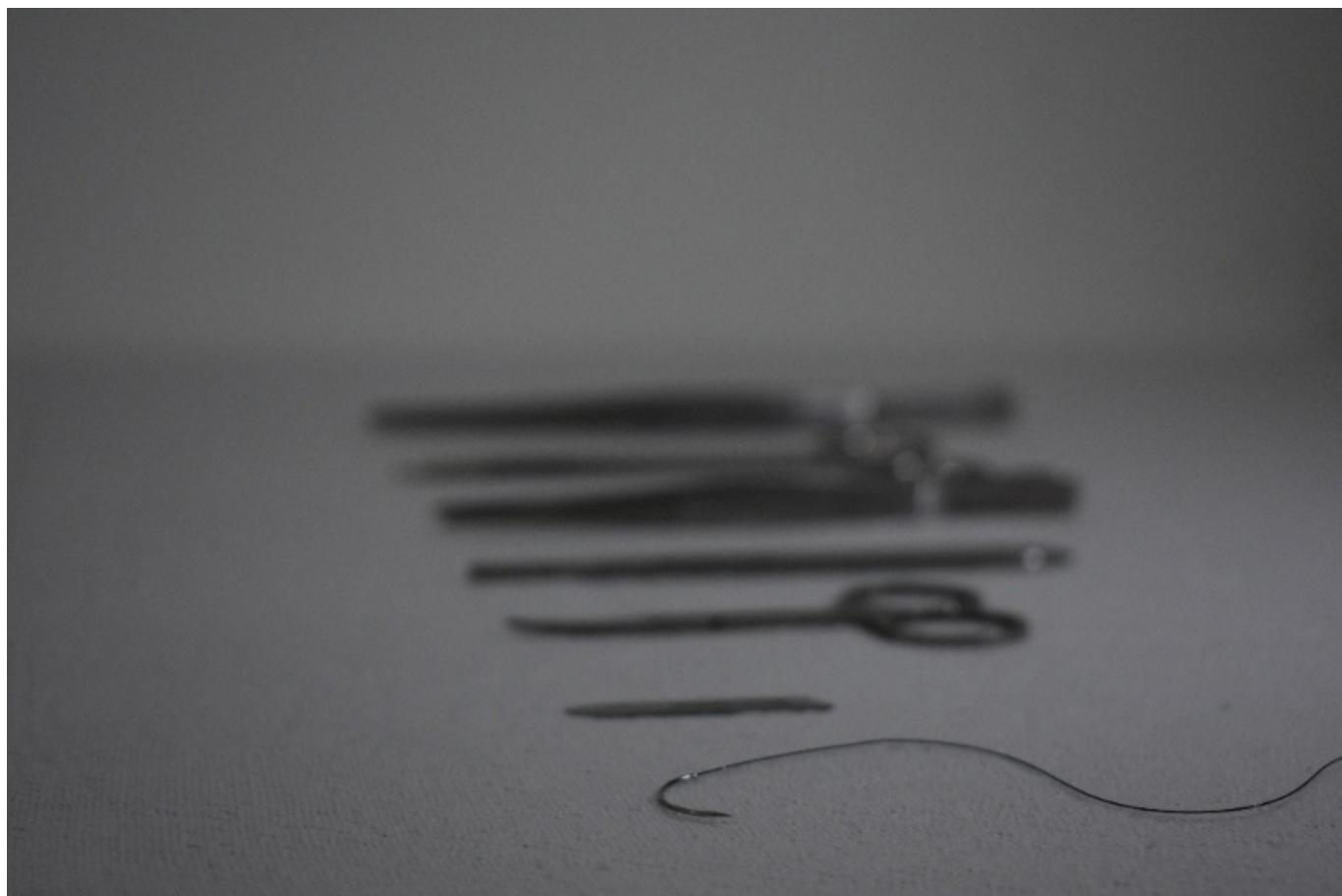
Visual poetics; pandemic; photography; body; medical-laboratory objects.

RESUMEN

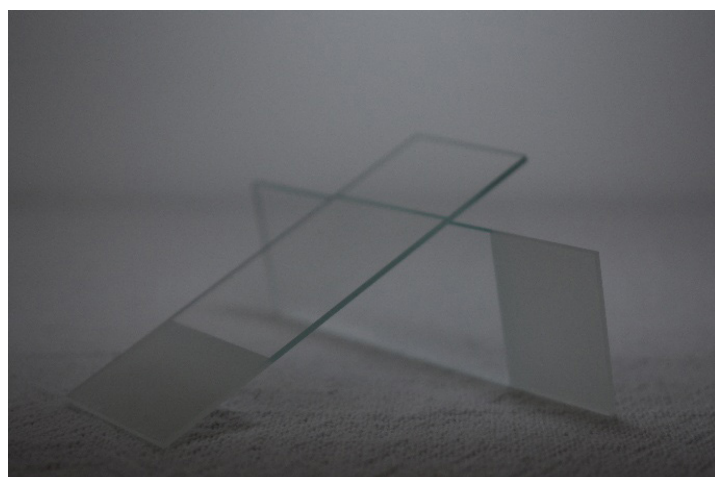
Lugares destinados a la creación artística, comúnmente, convergen existencias y proyecciones; nos permiten ver, como un espacio muestral, hechos y posibilidades y, sobre todo, contienen ansiedades, deseos y urgencias que atraviesan y contaminan el pensamiento del artista. En este sentido, consistente en propuestas artísticas realizadas durante los años 2020 y 2021, período en el que, aislados, sobrevivimos a los días más duros de la pandemia del coronavirus, el presente ensayo visual piensa el ambiente doméstico como laboratorio de investigación, los procesos artísticos como experimentos y el cuerpo humano como objeto de estudio y análisis. De esta manera, presenta un conjunto de obras que, guiadas por la práctica fotográfica y en diálogo con el universo imaginario de las ciencias de laboratorio médico, drena las angustias y reflexiones que surgieron en ese contexto – en el que el mantenimiento de la vida estaba condicionado al aislamiento social y las pérdidas humanas se transmutaban en estadísticas, números fríos casi desprendidos de cualquier rastro de humanidad; sujetos transformados en objetos. “cuerpo de estudios, objetos de análisis” registra, por lo tanto, un corte de investigación poética; muestras de una práctica asociada a un tiempo y un lugar específicos, un cuerpo y algunos miedos.

PALABRAS-CLAVE

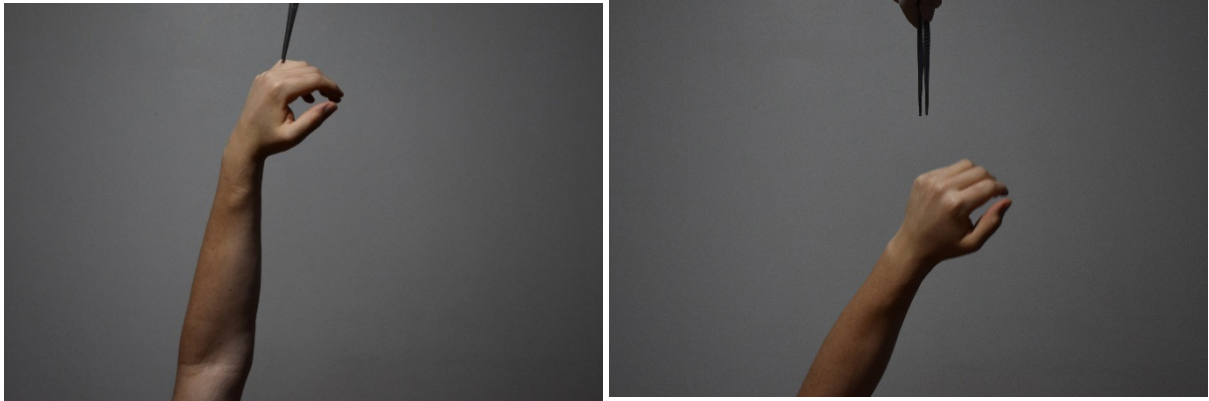
Poética visual; pandemia; fotografía; cuerpo; objetos de laboratorio médico.



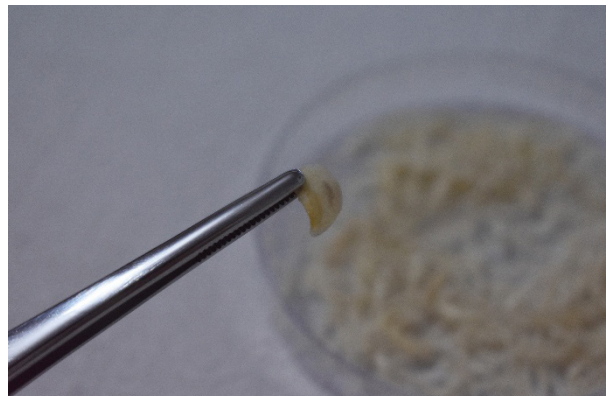
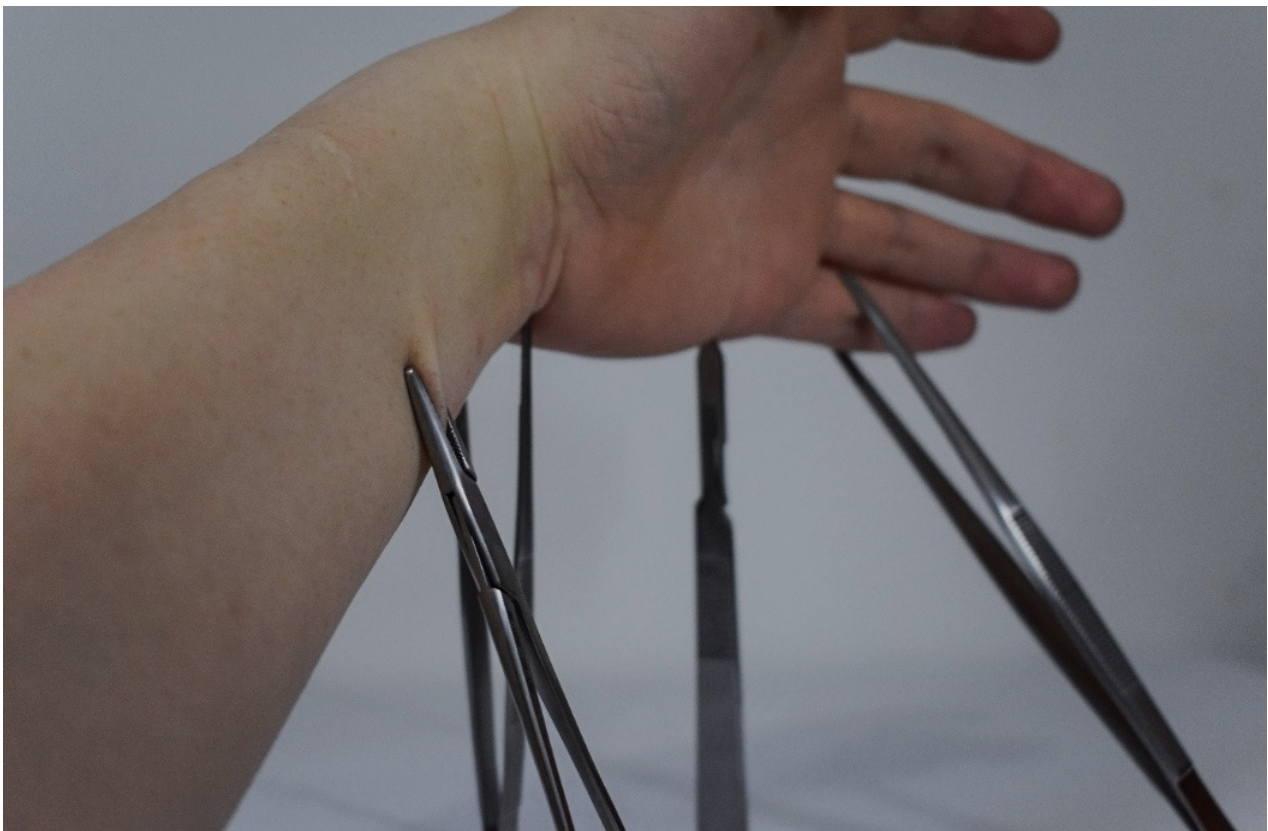
a.



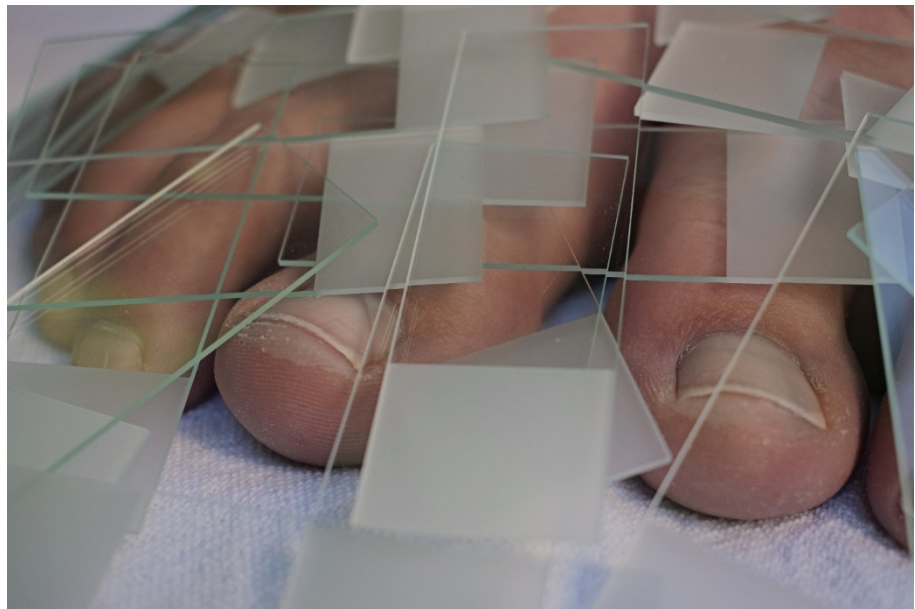
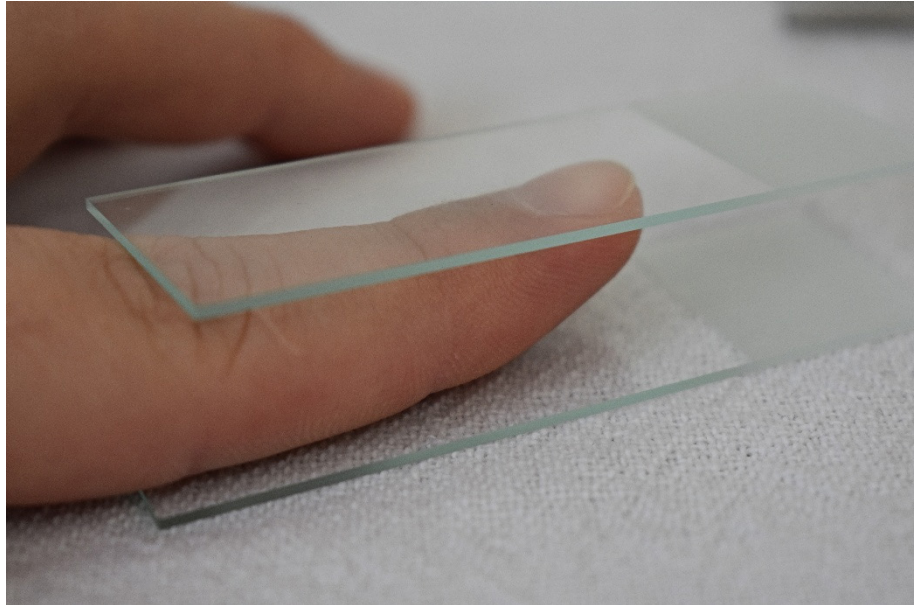
b.



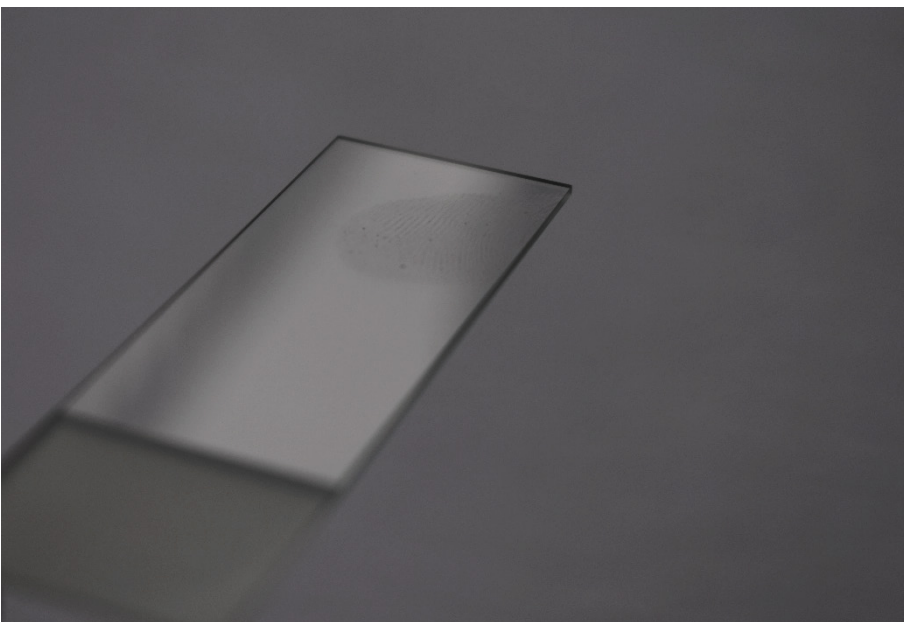
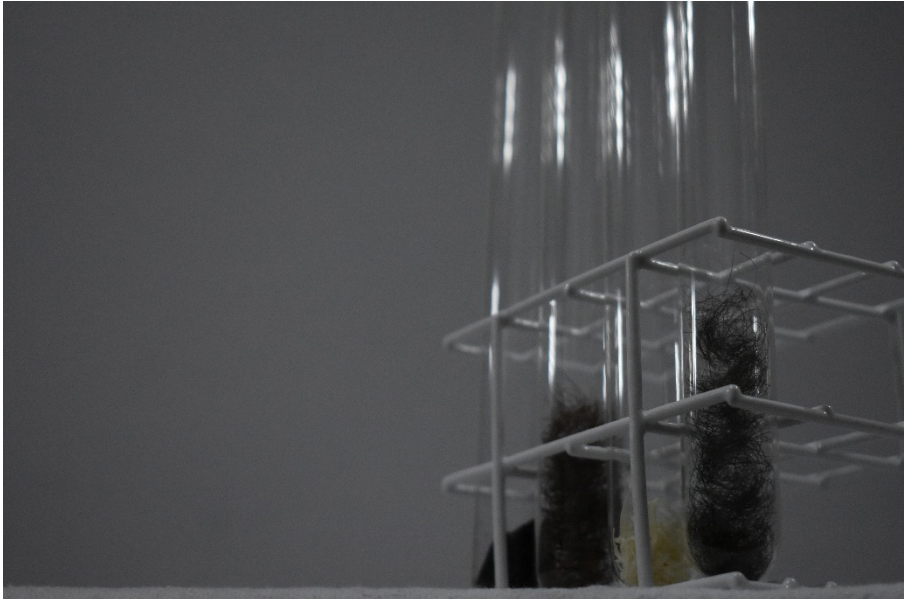
C.



d.



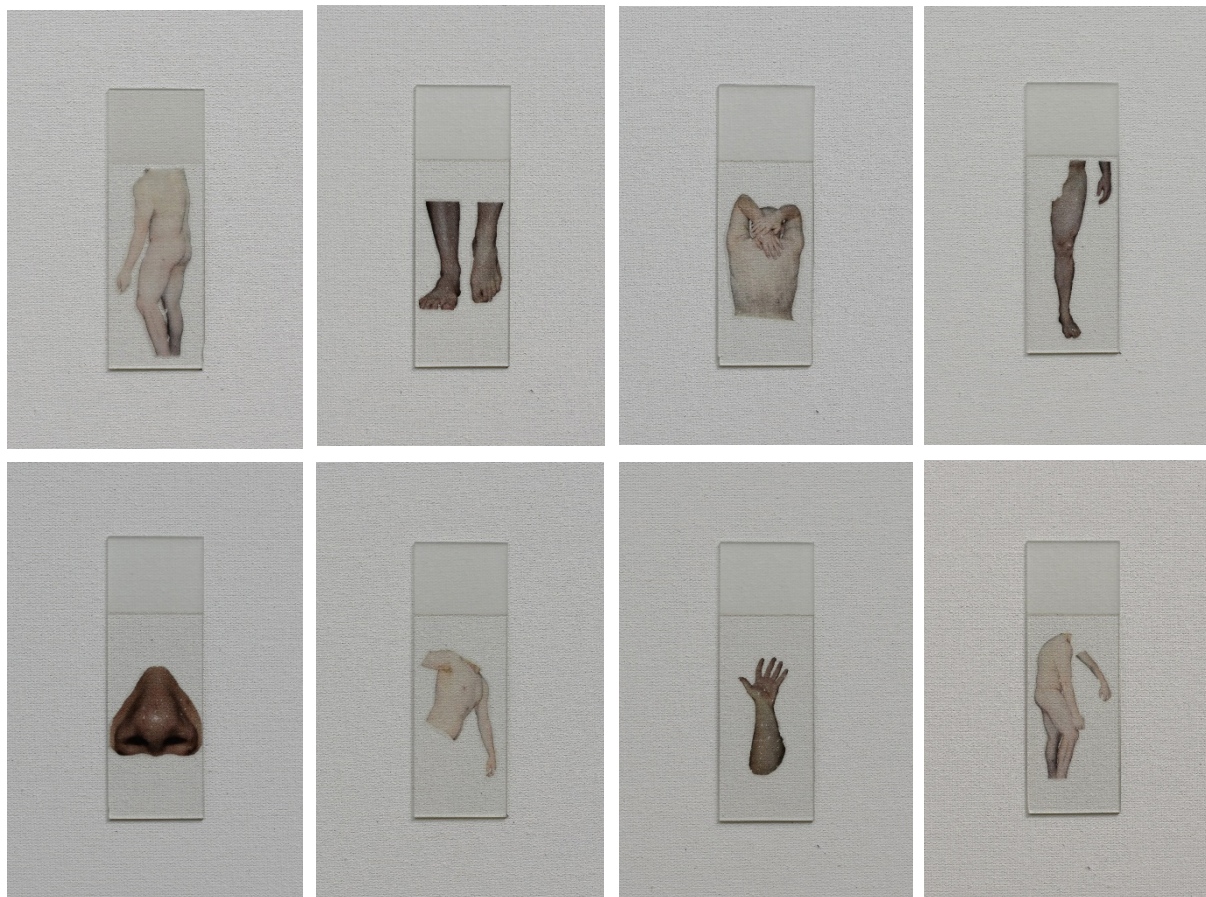
e.



f.



g.



Notas para quando o corpo falhar

Quanto de nós pode habitar uma imagem? Seriam sujeitos transformados em objetos, matéria humana transmutada em artefato? A sobrevivência do corpo físico poderia estar na virtualidade de suas imagens? Quando construo cenários e situações em que o corpo humano, ou seus índices, são fotografados em conjunto com objetos do campo das ciências médico-laboratoriais, insiro e exponho, visual e narrativamente, aquele – o corpo – ao campo da pesquisa; torno-o, direta e indiretamente, objeto de estudo. Roland Barthes, em 1980, em seu célebre livro *a Câmara Clara*, discorrera sobre a experiência de ser fotografado e, ao transpor a fotografia ao nível imaginário, pontuara essa vivência como um momento sutil em que não se é nem sujeito, nem objeto, mas um sujeito que sente que se transforma em objeto, que vivencia, metaforicamente, uma pequena experiência de “morte”.

[...] assim que me descubro no produto desta operação, aquilo que vejo é que me tornei *Todo-Imagem*, ou seja, a *Morte em pessoa*. Os outros – o *Outro* – desapropriam-me de mim próprio, fazem ferozmente de mim um objeto, têm-me à sua mercê, à sua disposição, arrumado num fichero, preparado para todos os truques sutis (Barthes, 2018, p. 22-23).

Esse modo de pensar a fotografia como intervalo ínfimo de tempo em que sujeito e objeto habitam o mesmo “corpo” e a passagem do âmbito físico ao domínio imagético como instâncias de morte embasou não apenas o presente ensaio visual como toda a pesquisa da qual ele deriva. As fotografias que edificam “corpo de estudos, objetos de análise” foram realizadas por mim, sob orientação da coautora, durante o curso de mestrado acadêmico em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, no decorrer dos anos de 2020 e 2021; período, também, em que o mundo estremecia com a nova realidade imposta pelo vírus Sars-CoV-2.

Diversos são os contextos e plurais são os motivos que impulsionam a produção artística, não raro, inclusive, encontramos obras que guardam ressonâncias do tempo e do lugar em que foram concebidas. Nesse sentido, o ano de 2020 trouxe modificações drásticas e importantes, em escala global, às várias esferas sociais; mudanças as quais, na esperança de serem suficientes, ansiavam pelo controle do contágio do novo coronavírus. Transformações que, além de necessárias à manutenção da vida, impactaram diretamente nos hábitos individuais e coletivos dos indivíduos e, por conseguinte, exigiram novas resoluções e readequações. Dentro dessa perspectiva, os processos de criação e as condutas artísticas não ficaram isentos de alterações.

Entre tantos fatores daquele contexto que, inevitavelmente, atravessaram e influenciaram minha investigação poética, o isolamento social, a “virtualização das presenças” e o grande número de óbitos causados pelo vírus – atualizado e divulgado diariamente –, foram os que mais impactaram minha pesquisa artística e acadêmica. O isolamento transformou minha casa em laboratório e meu corpo em objeto de análise. Ao manter o distanciamento social como medida protetiva contra à COVID-19, minhas interações sociais passaram a ser mediadas por aparelhos

eletrônicos de comunicação, ou seja, o contato humano e as trocas interpessoais foram reduzidas a imagens e/ou áudios. Ademais, acompanhar, dia após dia, a conversão de vidas humanas em números, registros e estatísticas de mortes causadas pelo novo coronavírus fez com que medos, angústias e reflexões quanto à preservação da existência humana surgissem. Precisávamos, afinal, de tempo, ou de uma “(sobre) vida”, e talvez o caminho para isso, para salvar a humanidade, ou pelo menos sua memória, estivesse nas imagens.

Georges Didi-Huberman, em meio a sua vasta discussão sobre as imagens, aponta esta como rastro, como uma impressão, um traço visual do tempo que almejou tocar e, também, de tempos suplementares – “fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles” (Didi-Huberman, 2012, p. 207). Diante disso, dessa possibilidade de acúmulo de temporalidades nas imagens, corporificando a essência do ato, da mesma forma que um corte na pele pode gerar uma marca, a ação de fotografar, de capturar imagens e arrastar temporalidades, pode figurar como uma cicatriz no tempo; a ambiguidade de algo que remete a um tempo passado, todavia, faz-se no presente; são vestígios de existências possíveis.

Em devaneios, por fim, percebi-me, naquele momento histórico, construindo minhas próprias narrativas de sobrevivência a partir do meu corpo e da construção de imagens deste. Modestas justaposições e pequenas incisões no real, pequenos cortes ficcionais convenientemente enquadrados para que, quase aceitáveis, essas inventividades pudessem ser compartilhadas e, sobretudo, assegurassem uma existência para além daquele tempo e daquele lugar.

Mapeamento das imagens:

a. (em cima) Henrique Ribeiro, sem título #2, 2020 (série Ferramentas da Criação), fotografia digital. (ao centro, da esquerda para a direita) Henrique Ribeiro, sem título #7, 2020 (série Ferramentas da Criação), fotografia digital; Henrique Ribeiro, sem título #8, 2020 (série Ferramentas da Criação), fotografia digital. (abaixo) Henrique Ribeiro, sem título #16, 2020 (série Ferramentas da Criação), fotografia digital.

b. (em cima, da esquerda para a direita) Henrique Ribeiro, sem título #31, 2020 (série Corporeidades Suspensas), fotografia digital; Henrique Ribeiro, sem título #34, 2020 (série Corporeidades Suspensas), fotografia digital. (abaixo) Henrique Ribeiro, sem título #9, 2020 (série Vestígios Substanciais), fotografia digital

c. (em cima) Henrique Ribeiro, sem título #21, 2020 (série Corporeidades Suspensas), fotografia digital. (abaixo, da esquerda para a direita) Henrique Ribeiro, sem título #25, 2020 (série Vestígios Substanciais), fotografia digital; Henrique Ribeiro, sem título #26, 2020 (série Vestígios Substanciais), fotografia digital.

d. (em cima) Henrique Ribeiro, sem título #18, 2020 (série Ensaio in Vitro), fotografia digital.

(ao centro) Henrique Ribeiro, sem título #27, 2020 (série Ensaios in Vitro), fotografia digital.
(abaixo) Henrique Ribeiro, sem título #34, 2021 (série Ensaios in Vitro), fotografia digital.

e. (em cima) Henrique Ribeiro, sem título #13, 2020 (série Vestígios Substanciais), fotografia digital. (ao centro) Henrique Ribeiro, sem título #27, 2020 (série Vestígios Substanciais), fotografia digital. (abaixo) Henrique Ribeiro, sem título #15, 2020 (série Vestígios Substanciais), fotografia digital.

f. (em cima) Henrique Ribeiro, sem título #47, 2021 (série Amostragens Corporais), fotografia digital. (abaixo) Henrique Ribeiro, sem título #39, 2021 (série Amostragens Corporais), fotografia digital.

g. (em cima, da esquerda para a direita) Henrique Ribeiro, Peças n° 87, n° 53, n° 79, n° 59, 2021 (série Amostragens Corporais), transferência fotográfica sobre lâmina de microscopia. (ao centro, da esquerda para a direita) Henrique Ribeiro, Peças n° 11, n° 61, n° 30, n° 89, 2021 (série Amostragens Corporais), transferência fotográfica sobre lâmina de microscopia. (abaixo) Henrique Ribeiro, Peças n° 13, n° 04, 2021 (série Amostragens Corporais), transferência fotográfica sobre lâmina de microscopia.

Referências

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Trad. Patrícia Carmelo e Vera Costa Nova. **Revista Pós**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 206-219, nov. 2012.

RIBEIRO, Henrique W. **Corpo e Imagem**: uma narrativa de sobrevivência nos entremeios da existência. 2022. 145f. Dissertação (Dissertação em Artes visuais) – Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

Submissão: 20/10/2025

Aprovação: 11/03/2026